

T.S. Eliot

QUATRO QUARTETOS

Four Quartets

Tradução de Vergílio Alberto Vieira

segunda edição



2025

ÍNDICE

7

Prólogo

QUATRO QUARTETOS

17

Burnt Norton

37

East Coker

61

The Dry Salvages

85

Little Gidding

*Although logos is common to all, most people live
as if they had a wisdom of their own.*

I.p.77.fr.2

The way upward and the way downward are the same.

I.p.89 Fr. 60

Embora a razão seja comum
aos homens, cada um procede como se tivesse
um pensamento próprio.

I.p.77.fr.2

O caminho que sobe
e o caminho que desce são
um único caminho.

I.p.89 Fr. 60

Diels: *Die Fragmente der Vorsokratiker*
(Herakleitos)

BURNT NORTON

I

Time present and time past
Are both perhaps present in time future,
And time future contained in time past.
If all time is eternally present
All time is unredeemable.
What might have been is an abstraction
Remaining a perpetual possibility
Only in a world of speculation.
What might have been and what has been
Point to one end, which is always present.
Footfalls echo in the memory
Down the passage which we did not take
Towards the door we never opened
Into the rose-garden. My words echo
Thus, in your mind.

But to what purpose
Disturbing the dust on a bowl of rose-leaves
I do not know.

Other echoes
Inhabit the garden. Shall we follow?
Quick, said the bird, find them, find them,
Round the corner. Through the first gate,
Into our first world, shall we follow
The deception of the thrush? Into our first world.

I

O tempo que passou e o tempo que vem
Talvez estejam presentes no devir do tempo
E o tempo ainda por vir no tempo que passou.
Se todo o tempo é, pois, o tempo todo
Todo o tempo é nada
Todo o tempo é ninguém.

O que pudera ter acontecido não ocorreu
Continuando a ser imutável permanência
Num mundo improvável.

Já o que podia ter sido e o que veio a ser
Convergem para um único fim, infinitamente presente.
Andam passos na memória
Ecoam ao fundo do corredor
Que dá para o roseiral e onde se abre
A porta que não abrimos. Como fazem eco
No teu espírito as minhas palavras.

Não há, porém, motivo
Para agitar pó num *bowl* de folhas de rosa.
Nada, pois, a dizer sobre isso.

Outros rumores

Ecoam no jardim. Vamos descobri-los?
É para já, avançou a ave, há que os procurar, há que os procurar.
Em cada canto. Pela primeira saída,
Onde nos encontrarmos, será de ir
Na cantiga do tordo? Aí mesmo, no nosso pequeno mundo.

There they were, dignified, invisible,
Moving without pressure, over the dead leaves,
In the autumn heat, through the vibrant air,
And the bird called, in response to
The unheard music hidden in the shrubbery,
And the unseen eyebeam crossed, for the roses
Had the look of flowers that are looked at.

There they were as our guests, accepted and accepting.
So we moved, and they, in a formal pattern,
Along the empty alley, into the box circle,
To look down into the drained pool.
Dry the pool, dry concrete, brown edged,
And the pool was filled with water out of sunlight,
And the lotos rose, quietly, quietly,
The surface glittered out of heart of light,
And they were behind us, reflected in the pool.
Then a cloud passed, and the pool was empty.
Go, said the bird, for the leaves were full of children,
Hidden excitedly, containing laughter.
Go, go, go, said the bird: human kind
Cannot bear very much reality.
Time past and time future
What might have been and what has been
Point to one end, which is always present.

Era vê-los desnudados, encobertos,
Errando livremente, entre folhas caídas,
Na tepidez do outono, nas vibrações no ar,
Foi quando um gorjeio irrompeu, respondendo
À infalível cantilena ciciada no meio da ramagem
E o olhar de viés cruzou o céu, não fossem as rosas
Deixar de sentir que as estão a olhar.

Quais convidados nossos, ei-los, ora recebidos, ora recebendo.
Caminhando lado a lado, com eles seguimos em formal cortejo
Pelo buxal da alameda.
Dispostos a dar uma espreitadela à drenagem da lagoa.
Lago seco, argamassa seca, sebes ressequidas,
E de pronto o lago a encher de água deslumbrante de sol.
E o róseo lótus a medrar, dando tempo
A que cintilações eclodissem no coração da luz,
E no espelho-de-água aflorasse quem estava atrás de nós.
Entretanto, surgiu uma nuvem, e o lago esvaziou-se.
Corre, acudiu o pássaro, que a copa estava repleta de crianças.
Eufóricas, à espreita sufocando o riso.
Chega-lhe, chega-lhe, insistiu o pássaro, que o género humano
Suporta mal o peso da realidade.
O tempo que passou e o tempo que vem,
O que pudera ter acontecido e não ocorreu
Convergem para um único fim, infinitamente presente.

II

Garlic and sapphires in the mud
Clot the bedded axle-tree.
The trilling wire in the blood
Sings below inveterate scars
Appeasing long forgotten wars.
The dance along the artery
The circulation of the lymph
Are figured in the drift of stars
Ascend to summer in the tree
We move above the moving tree
In light upon the figured leaf
And hear upon the sodden floor
Below, the boarhound and the boar
Pursue their pattern as before
But reconciled among the stars.
At the still point of the turning world. Neither flesh nor fleshless;
Neither from nor towards; at the still point, there the dance is,
But neither arrest nor movement. And do not call it fixity,
Where past and future are gathered. Neither movement from
nor towards,
Neither ascent nor decline. Except for the point, the still point,
There would be no dance, and there is only the dance.
I can only say, there we have been: but I cannot say where.
And I cannot say, how long, for that is to place it in time.

II

Alhos e safiras no lodaçal
Entravam o-que-se-move.
A agulha que enfurece o sangue
Pulsa sob crónicas cicatrizes
Aplacando ultrapassadas contendidas.
O *dansado* prolonga a artéria
A volúpia da linfa
Revelam-se na conjunção astral
Inventam o verão da árvore
E nós em torno dela gravitámos
Seduzidos pelo fulgor da folha imaginária
Enquanto perscrutamos a terra húmida
Bem lá no fundo, a matilha e o javali
Cumprem seu ciclo de sempre
Reconciliados, todavia, com os astros.
Em seu ilusório eixo, o mundo move-se. Nem corpo, nem alma.
Nem donde nem para onde; inactivo eis o que é, a *dansa*,
Sem suspensão, nem movimento total. Não se diga sem fim,
Lá onde o que passou e o que há-de vir se cumprem.
Movimento é que nem vê-lo: nem de nem para.
Tanto ascensional como declinante. É que a não haver
Parado movimento nada mais há; apenas, e tão-só, *dansa*.
Que estivemos ali, posso dizer: em que lugar, não.
Nem por quanto tempo, o que seria dar conta do tempo.

The inner freedom from the practical desire,
The release from action and suffering, release from the inner
And the outer compulsion, yet surrounded
By a grace of sense, a white light still and moving,
Erhebung without motion, concentration
Without elimination, both a new world
And the old made explicit, understood
In the completion of its partial ecstasy,
The resolution of its partial horror.
Yet the enchainment of past and future
Woven in the weakness of the changing body,
Protects mankind from heaven and damnation
Which flesh cannot endure.

Time past and time future

Allow but a little consciousness.
To be conscious is not to be in time
But only in time can the moment in the rose-garden,
The moment in the arbour where the rain beat,
The moment in the draughty church at smokefall
Be remembered; involved with past and future.
Only through time time is conquered.

Íntima liberdade, poder do desejo.
Agir pois liberta, sofre-se menos, liberta do que atormenta,
No âmago, e fora dele, em todo o caso sob
Auréola de legitimação, luz branca em repousado movimento.
Erhebung inamovível, totalização
Não segregativa, configuradora de um novo mundo
Com elucidação do velho, aceite
No desfecho do inacabado enlevo
Expediente do mais tolhido horror.
Porém, a perpetuação do que passou com o que virá
Resultante da afirmação do corpo em mutação
Salva a humanidade do indulto e da punição
Que a carne é incapaz de tolerar.

O tempo que passou e o tempo que vem
Sempre pouca ciência tributam.
Estar vigilante é estar fora do tempo
Embora só evocados no tempo da revelação no roseiral,
A clarividência no caramanchão abandonado à chuva,
O inspirado instante na ermida deserta ao fim do dia,
Sejam recomendados, cúmplices do passado e do futuro.
Já que todo o tempo é resgatado pelo tempo

III

Here is a place of disaffection
Time before and time after
In a dim light: neither daylight
Investing form with lucid stillness
Turning shadow into transient beauty
With slow rotation suggesting permanence
Nor darkness to purify the soul
Emptying the sensual with deprivation
Cleansing affection from the temporal.
Neither plenitude nor vacancy. Only a flicker
Over the strained time-ridden faces
Distracted from distraction by distraction
Filled with fancies and empty of meaning
Tumid apathy with no concentration
Men and bits of paper, whirled by the cold wind
That blows before and after time,
Wind in and out of unwholesome lungs
Time before and time after.
Eruption of unhealthy souls
Into the faded air, the torpid
Driven on the wind that sweeps the gloomy hills of London,
Hampstead and Clerkenwell, Campden and Putney,
Highgate, Primrose and Ludgate. Not here
Not here the darkness, in this twittering world.

III

Não compensa este lugar
Que já foi tempo de outro tempo e é de agora
Tempo de velada luz: se fosse luz do dia
Teria forma de lúcida quietação
À sombra tornando-a beleza em transe
Para a demorada rotação do que não passa
Quando obscuramente desculpa a alma
Des-sensualizando-a por abnegação
Ao que deixou de ser profano.
Nem plenitude nem vacuidade. Antes lucilação
Sobre os crispados rostos que no tempo devastou
Enquanto na distracção pela distracção os distraía
Com a ilusão e insensatez
Impostura frívola sem escrúpulo
Remoinho de vento gélido volteiam homens e folhas soltas
Sublevados pela morosa celeridade do tempo
Qual bafejo que, entrando, e logo saindo, a viciado pulmão
Voltasse, tempo antes e tempo depois
Erução de almas mórbidas
No ar infecto cujos miasmas
Acomodados no vento açoitam os lívidos bairros londrinos
Hampstead and Clerkenwell, Campden and Putney,
Highgate, Primrose and Ludgate. Não aqui,
Não aqui, tempo de trevas, neste mundo de amotinadas vozes.



T.S. ELIOT

QUATRO QUARTETOS

Four Quartets

Tradução de Vergílio Alberto Vieira

© Tradução: Vergílio Alberto Vieira ♦ Edição: Companhia das Ilhas

Edição 004

1.ª edição MARÇO de 2025

2.ª edição MAIO de 2025

Design gráfico e paginação CAM

Fotografia do autor ALFREDO CUNHA

Logótipo INÉS DE MATOS MACHADO

Fontes

Corpo do texto Swift

Outros elementos Fire Sans ■ Geliat ■ Myriad Pro ■ Quick Sand

Impressão e acabamentos EUROPRESS. INDÚSTRIA GRÁFICA

Depósito legal 548 730 / 25

ISBN 978-989-9154-77-3



É UMA CHANCELA COMPAÑHIA DAS ILHAS

Rua Manuel Paulino de Azevedo e Castro, 3

9930-149 LAJES DO PICO

Telefones ■ Rede móvel: 912 553 059 / 917 391 275 ■ Rede fixa: 292 672 748

companhiadasilhas.lda@gmail.com

www.companhiadasilhas.pt